

# o lorde pagão

bernard cornwell

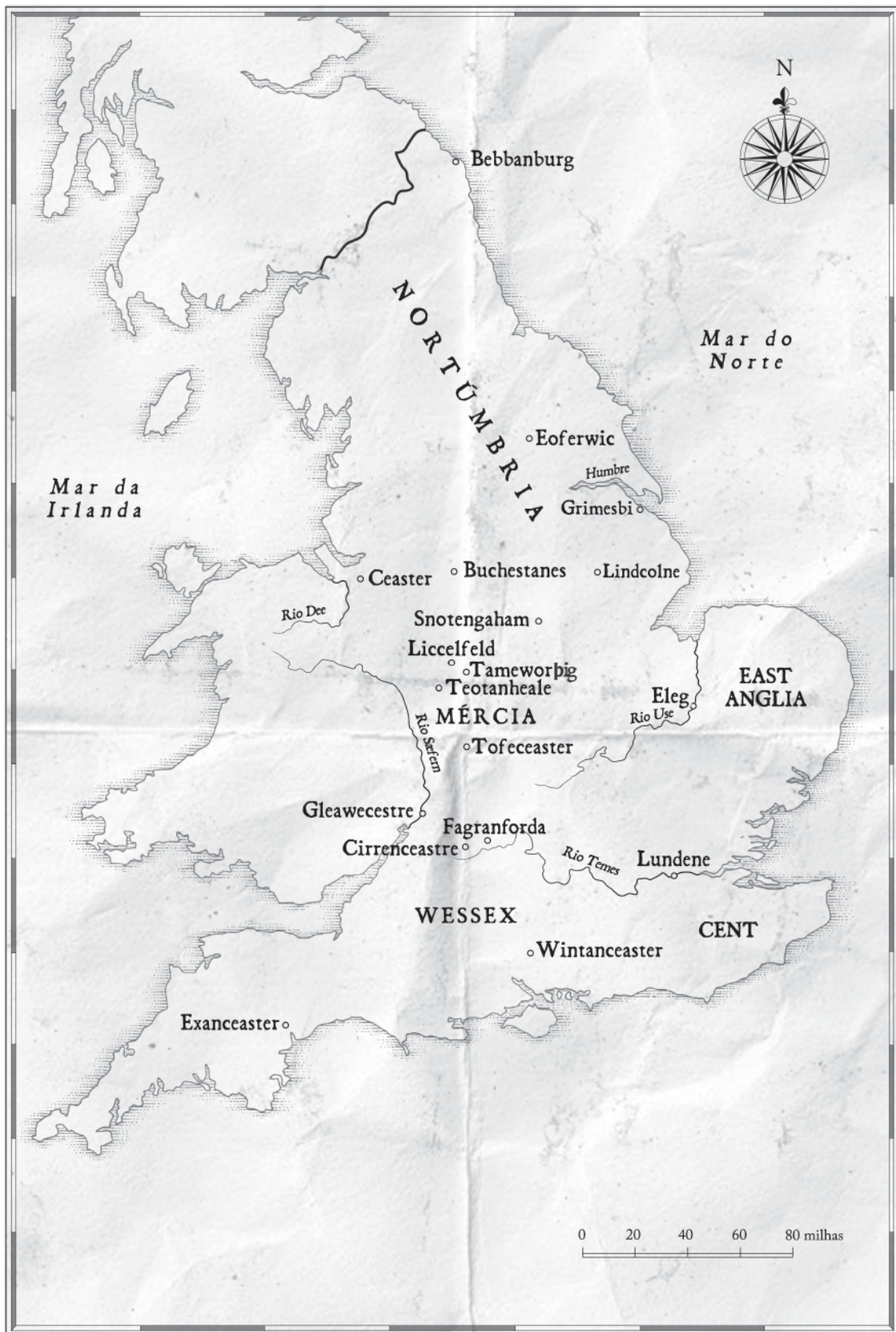
Tradução de Neuza Faustino



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

Para Tom e Dana  
*Go raibh mile maith agat*  
(«Que sejais agraciados»,  
expressão usada em irlandês para dizer obrigado)







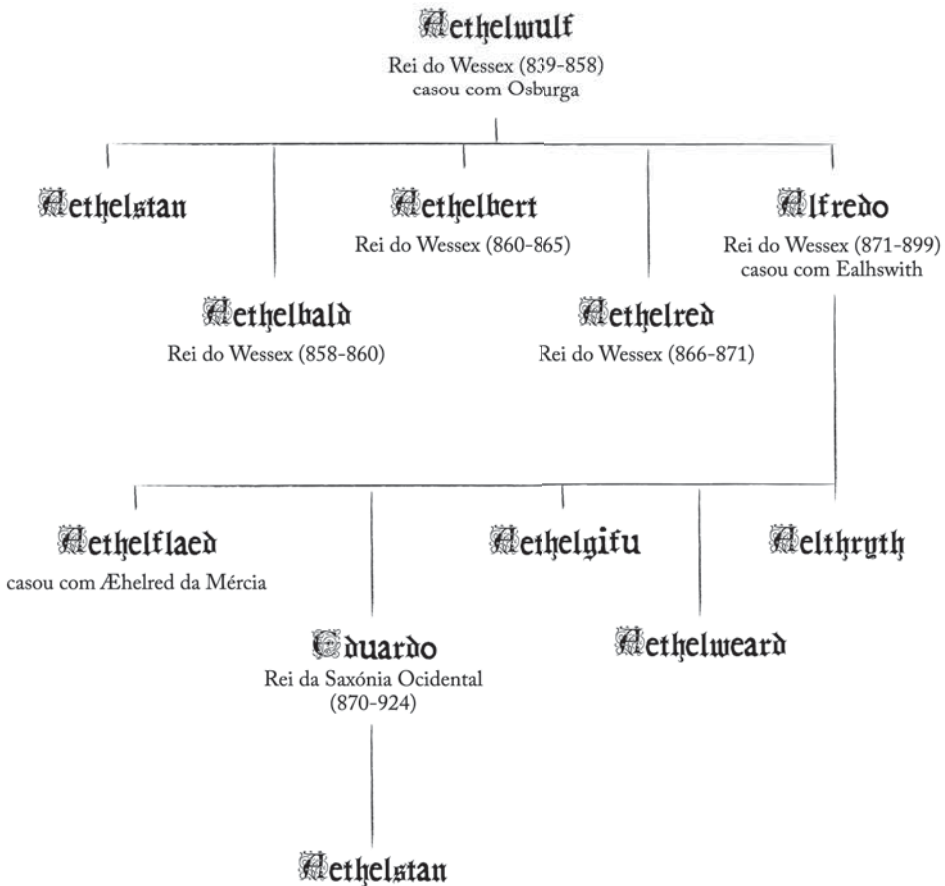
## T O P O N Í M I A

A pronúncia dos nomes dos lugares na Inglaterra anglo-saxónica é incerta, sem que exista consistência ou acordo sequer acerca dos próprios nomes. Por isso, Londres é frequentemente referida como Lundonia, Lundenberg, Lundenne, Lundene, Lundenwic, Lundenceaster e Lundres. Sem dúvida que alguns leitores preferem outras versões dos nomes listados abaixo, mas, normalmente, recorri à ortografia utilizada no *Oxford Dictionary of English Place-Names* para os anos próximos do reinado de Alfredo (871-899 d.C.), ainda que nem essa solução seja a ideal. Em 956, a ilha de Hayling era simultaneamente chamada Heilincigae e Hæglingaiggæ. Eu próprio não fui consistente; uso Inglaterra em vez de Englalund, mas preferi a forma moderna de Nortúmbria a Norðhymbraland, de modo a não sugerir que as fronteiras do antigo reino coincidam com as do moderno condado. Assim, esta lista, tal como a própria grafia, é caprichosa.

Æsc's Hill	Ashdown, Berkshire
Afen,	Rio Avon, Wiltshire
Beamfleet	Benfleet, Essex
Bearddan Igge	Bardney, Lincolnshire
Bebbanburg	Castelo de Bamburgh, Nortúmbria
Bedehal	Beadnell, Nortúmbria
Beorgford	Burford, Oxfordshire
Botulfstan	Boston, Lincolnshire
Buchestanes	Buxton, Derbyshire
Ceaster	Chester, Cheshire
Ceodre	Cheddar, Somerset
Cesterfelda	Chesterfield, Derbyshire
Cirrenceastre	Cirencester, Gloucestershire
Coddeswold Hills	Cotswolds, Gloucestershire
Cornwalum	Cornwall
Cumbraland	Cúmbria
Dunholm	Durham, condado de Durham

Dyflin	Dublin, Eire
Eoferwic	York, Yorkshire
Ethandun	Edington, Wiltshire
Exanceaster	Exeter, Devon
Fagranforda	Fairford, Gloucestershire
Farnea, ilhas	Ilhas Farne, Nortúmbria
Flaneburg	Flamborough, Yorkshire
Foirthe,	Rio Forth, Escócia
Gewæsc, estuário	The Wash
Gleawecestre	Gloucester, Gloucestershire
Grimesbi	Grimsby, Lincolnshire
Haithabu	Hedeby, Dinamarca
Humbre,	Rio Humber
Liccelfeld	Lichfield, Staffordshire
Lindcolne	Lincoln, Lincolnshire
Lindisfarena	Lindisfarne (Holy Island / Ilha Sagrada), Nortúmbria
Lundene	London / Londres
Mærse,	Rio Mersey
Pencric	Penkridge, Staffordshire
Sæfern,	Rio Severn
Sceapig	Ilha de Sheppey, Kent
Snotengaham	Nottingham, Nottinghamshire
Tameworþig	Tamworth, Staffordshire
Temes,	Rio Tamisa
Teotanheale	Tettenhall, West Midlands
Tofeceaster	Towcester, Northamptonshire
Uisc,	Rio Exe
Wiltuncir	Wiltshire
Wodnesfeld	Wednesbury, West Midlands
Wintanceaster	Winchester, Hampshire
Wodnesfeld	Wednesbury, West Midlands

# A Família Real do Wessex









PRIMEIRA PARTE

O ABADE



# 1

Um céu escuro. São os deuses que fazem o céu; ele reflete o estado de espírito deles e este era tenebroso naquele dia. Estávamos no pique do verão e caía uma chuva severa tocada a vento de leste. Sentia-me como se fosse inverno.

Ja montado no *Relâmpago*, o meu melhor cavalo. Era um garanhão, negro como a noite, mas com uma pincelada de pelo cinzento a percorrer os quartos traseiros. Dera-lhe o nome de um formidável cão de caça que eu em tempos sacrificara a Thor. Detestei ter de matar aquele cão, mas os deuses são duros connosco: exigem sacrifícios e depois ignoram-nos. Este *Relâmpago* era um animal de grande porte, poderoso e taciturno, um cavalo de guerra, e eu estava vestido para a guerra, naquele dia. Envergava a cota de malha, vestido de aço e couro. Bafo de Serpente, a melhor das espadas, pendia do meu lado esquerdo, se bem que para o inimigo que ia enfrentar naquele dia não precisasse de espada, nem de escudo ou de machado. Mesmo assim, trazia-a comigo, porque Bafo de Serpente era a minha companheira. Ainda a tenho. Quando eu morrer, o que será em breve, alguém fechará a minha mão em redor do punho desgastado em couro e ela levar-me-á para Valhalla, para o salão dos mortos dos poderosos deuses e, aí, iremos banquetear juntos.

Mas não naquele dia.

Naquele dia escuro de verão encontrava-me sentado na sela do meu cavalo, no meio de uma estrada lamacenta, pronto a enfrentar o meu inimigo. Conseguia ouvi-lo, porém não o via. E ele sabia que eu estava ali.

A estrada era larga o suficiente para passarem duas carroças, não mais. As casas de ambos os lados eram de barro e vime, o telhado forrado a junco enegrecido pela chuva e engrossado com líquen. A lama da estrada cobria as patas do cavalo quase até aos carpos, exhibia sulcos de carretas e fedia a dejetos de cães e de porcos que ali transitavam livremente. O vento fustigante fazia ondular as poças formadas pelos sulcos e vergastava o fumo saído de um furo no telhado, trazendo o aroma da madeira a queimar.

Tinha comigo dois companheiros. Tinha cavalgado de Lundene com

vinte e dois homens, mas a minha missão nesta aldeia fedorenta fustigada pela chuva era privada e, como tal, deixara a maioria dos meus homens a cerca de um quilómetro e meio de distância. Porém Osbert, o meu filho mais novo, encontrava-se atrás de mim, montado num garanhão cinzento. Tinha dezanove anos e trazia uma armadura de malha, tal como uma espada à cintura. Já era um homem, embora continuasse a vê-lo como um menino. E eu metia-lhe medo, tal como o meu pai fora sempre assustador a meus olhos. Algumas mães amansam os seus filhos, mas Osbert crescera sem mãe e eu educara-o com dureza, porque um homem tem de ser duro. O mundo está repleto de inimigos. Os cristãos dizem-nos para amarmos os nossos inimigos e darmos a outra face. Os cristãos são tolos.

Ao lado de Osbert encontrava-se Æthelstan, o filho mais velho e ilegítimo do rei Eduardo de Wessex. Tinha apenas oito anos, contudo, assim como Osbert, também ele envergava malha. Æthelstan não tinha medo de mim. Eu tentava assustá-lo, mas ele ficava a olhar para mim com os seus olhos azuis frios e depois sorria de orelha a orelha. Amava aquele rapaz, tal como amava Osbert.

Ambos eram cristãos. Travo uma batalha perdida. Num mundo de traição e miséria vencem os cristãos. Os antigos deuses continuam a ser adorados, claro, mas estão a ser empurrados de volta para os vales altos, para os castelos longínquos, para os frios cantos nórdicos do mundo, enquanto os cristãos se espalham como uma praga. O deus crucificado deles é poderoso. Aceito isso. Sempre soube que o deus deles tem grande poder e nunca entendi a razão pela qual os meus deuses o deixam ganhar, mas é isso que acontece. Ele faz batota. É a única explicação que encontro. O deus crucificado mente e engana, e os mentirosos e batoteiros ganham sempre.

Portanto, esperava na estrada húmida, e *Relâmpago* pousou um casco pesado numa poça lamacenta. Por cima do couro e da malha, eu usava uma capa azul-escura de lã, forrada a pele de arminho nos rebordos. Do meu pescoço pendia o martelo de Thor, na cabeça trazia o meu elmo com crista de lobo. As placas faciais estavam soltas. A chuva escorria do aro do elmo. Calçava botas em couro de cano alto, o topo acondicionado com trapos para evitar que a chuva pingasse para dentro delas. Usava manoplas e nos braços braceletes de ouro e de prata, daquelas que um senhor da guerra ganha por matar os seus inimigos. Estava vestido a rigor para a guerra, porém, o inimigo que enfrentava não merecia tal respeito.

— Pai, — começou por dizer Osbert, — e se...

— Eu falei contigo?

— Não.

— Então, cala-te — rosnei-lhe.

Não fora minha intenção falar-lhe com tanta rispidez, mas eu estava furioso. Sentia uma raiva que não tinha por onde escapar, uma raiva do mundo, do miserável mundo cinzento e entediante, uma raiva impotente. O inimigo encontrava-se atrás de portas fechadas e conseguia ouvi-lo cantar. Ouvia as vozes, se bem que não conseguisse distinguir a letra entoada. Já me tinham visto, estava certo disso, e tinham reparado que não havia mais ninguém naquela estrada. As pessoas que viviam nesta pequena povoação não queriam participar naquilo que estava prestes a acontecer.

Na verdade, nem eu sabia o que estava para acontecer, embora fosse eu a poder causá-lo. Ou talvez as portas permanecessem fechadas e o inimigo se encolhesse no interior da construção robusta em madeira? Decerto era essa a pergunta que Osbert quisera fazer. E se o inimigo permanecesse ali dentro? É certo que ele não os via como o inimigo. Teria perguntado apenas: e se eles permanecerem no interior?

— Se eles ficarem ali dentro, — disse-lhe, — deito abaixo a maldita porta, entro e arrasto aquele patife aqui para fora. E, se eu fizer isso, vocês os dois ficarão aqui a segurar no *Relâmpago*.

— Sim, pai.

— Eu vou consigo — afirmou Æthelstan.

— Tu fazes aquilo que eu te mando fazer.

— Sim, Lorde Uhtred — respondeu-me respeitosamente, mas eu sabia que estava com um sorriso estampado no rosto. Não era preciso voltar-me para ver aquele sorriso insolente, mas, de qualquer modo, não o teria feito, porque naquele preciso instante as vozes pararam de cantar. Esperei. Passado um momento, a porta abriu-se.

E eles saíram. Primeiro, meia dúzia de homens maduros e depois os mais jovens, e estes ficaram a olhar para mim, mas mesmo a visão de Uhtred, senhor da guerra, vestido de raiva e glória, não lhes retirava a alegria. Pareciam tão felizes. Sorriam e davam palmadas amistosas nas costas uns dos outros, abraçavam-se e riam.

Os seis homens mais velhos não estavam a rir-se. Vieram na minha direção e eu não me movi.

— Disseram-me que é o Lorde Uhtred — interpelou-me um deles. Envergava uma túnica branca, suja, amarrada à cintura com um pedaço de corda. Tinha os cabelos brancos e a barba grisalha e um rosto estreito, bronzeado do sol e com rugas fundas em redor da boca e dos

olhos. O cabelo caía-lhe sobre os ombros, enquanto a barba lhe chegava à cintura. Tinha um ar manhoso, pensei, mas com alguma autoridade, e teria de ser um clérigo de importância, uma vez que trazia um bastão pesado, ornamentado no topo com uma cruz em prata.

Nada lhe disse. Estava a observar os homens mais jovens. Eram na sua maioria rapazes, ou rapazes acabados de se fazerem homens. O couro cabeludo deles, onde o cabelo havia sido rapado a partir da frente para trás, brilhava pálido à luz cinzenta do dia. Alguns homens de meia-idade saíam agora pela porta. Presumi que fossem os pais dos jovens.

— Lorde Uhtred. — O homem voltou a dirigir-me a palavra.

— Falarei consigo quando estiver pronto para tal — resmunguei.

— Mas isso não é adequado — disse-me, levantando a cruz como que para me intimidar.

— Lave a boca, antes de falar comigo — disse-lhe. Avistara o jovem que viera procurar esporeei *Relâmpago* na direção dele. Dois dos homens mais velhos tentaram impedir-me, mas *Relâmpago* abocanhou-os com os dentes grandes e eles recuaram, desesperados por escaparem. Houvera espadachins dinamarqueses a fugirem de *Relâmpago* e estes seis homens maduros também se dispersaram, como palha ao vento.

Avancei o ganhã na direção do grupo dos mais jovens, inclinei-me na minha sela e peguei na túnica negra do homem-rapaz. Icei-o para cima, atravessei-o nos quadris do cavalo de barriga para baixo e toquei *Relâmpago* com os joelhos, para o voltar.

E foi então que os problemas começaram.

Dois ou três dos homens mais jovens tentaram impedir-me. Um estendeu a mão para pegar nos freios de *Relâmpago*, um erro lamentável. O animal abocanhou o homem-rapaz e este pôs-se a gritar, e deixei *Relâmpago* erguer as patas dianteiras e pousá-las com o estrondo de cascos a baterem no chão. Ouvi um osso a partir-se sob o peso de um casco e vi surgir o sangue, vermelho e célere. *Relâmpago*, treinado para continuar a mover-se, a não ser que lhe seja restringida uma pata traseira pelo inimigo, guinou para a frente. Dei-lhe as esporas e vi de soslaio um homem a cair com a cabeça a sangrar. Um outro tolo agarrou-me pela bota direita, tentando tirar-me da sela, e eu bati-lhe com a mão e senti-o a soltar a minha perna. Depois desafiou-me o homem de cabelo longo e branco. Seguiu-me para dentro daquele tumulto e gritava-me que largasse o meu cativo e, então, qual tolo, balanceou a cruz em prata pesada na longa haste, no intuito de bater com ela na cabeça de *Relâmpago*. Mas o ganhã fora treinado para a batalha e

desviou-se ligeiramente do golpe, dando-me a oportunidade de me inclinar e retirar o bastão das garras do homem. Porém, não desistiu. Cuspia pragas contra mim ao agarrar no freio do cavalo, tentando arrastá-lo de volta para a maralha jovem, provavelmente para me ver vencido pela maioria.

Ergui o bastão e desferi-o com força, como quem vai atirar uma lança, mas com a base à frente, e eu não vira que nela havia um espigão, decerto para que se cravasse a haste no solo. Quisera apenas assustar o tolo vociferante, mas, ao invés, o espigão ficou cravado na sua testa, perfurando-lhe o crânio. Uma mancha de sangue tingiu de vermelho o dia cinzento. Gritos subiram ao céu cristão, e eu larguei o bastão e o homem de vestes brancas, agora envolvido em branco manchado de sangue, balanceando-se, a boca a abrir-se e a fechar-se, os olhos vítreos e uma cruz cristã a crescer-lhe da cabeça em direção aos céus. Os seus longos cabelos brancos tornaram-se vermelhos e, então, ele caiu. Caiu simplesmente, hirto e morto.

— O abade — alguém clamou, e eu esporeei *Relâmpago*, que deu um salto para diante, dispersando os restantes homens-rapazes e deixando as mães deles aos gritos. O jovem atravessado na minha sela debatia-se, dei-lhe uma palmada forte na nuca e saímos disparados do grupo de pessoas para a rua desimpedida.

O homem que levava comigo era o meu filho. O meu filho mais velho. Era Uhtred, filho de Uhtred, e eu partira a cavalo de Lundene tarde de mais para evitar que se tornasse padre. Um pregador viandante, um daqueles sacerdotes de cabelo comprido, barba desgrenhada e olhos esgazeados que convencem os estúpidos a darem-lhes ouro em troca de uma bênção, falou-me da decisão do meu filho.

— Toda a cristandade rejubila — dissera-me, observando-me, manhoso.

— Rejubila com o quê? — perguntara-lhe.

— Com o facto de o seu filho se tornar padre! Daqui a dois dias, ouvi dizer, em Tofeceaster.

E era isto o que os cristãos haviam andado a fazer, a consagrarem os seus feiticeiros, transformando rapazes em padres de roupagens negras, os quais levariam a todo o lado a imundice deles, e o meu filho, o meu filho mais velho, era agora o raio de um cristão, e isso fez-me bater-lhe de novo.

— Seu desgraçado, — rosnei-lhe, — seu desgraçado desprezível. Seu cretino traiçoeiro.

— Pai... — começou por dizer-me.

— Não sou teu pai — ripostei em tom acre. Levara-o rua abaixo, onde uma pilha de esterco particularmente mal cheirosa se encontrava, húmida,



encostada à parede de um casebre. Para aí o atirei. — Não és meu filho, — disse-lhe, — e o teu nome não é Uhtred.

— Pai...

— Queres que te espete a Bafo de Serpente na garganta? — gritei-lhe. — Se queres ser meu filho, despe esse hábito negro, põe a cota de malha e faz o que te mando.

— Eu sirvo Deus.

— Então escolhe outro nome. Uhtred Uhtredson não és. — Virei-me na sela. — Osbert!

O meu filho mais novo deu com os calcanhares no seu cavalo e veio até junto de mim. Parecia nervoso.

— Pai?

— De hoje em diante, o teu nome é Uhtred.

Olhou de soslaio para o irmão, depois voltou a encarar-me. Anuiu, com relutância.

— Qual é o teu nome? — exigi.

Hesitou ainda, mas leu-me a fúria e tornou a anuir.

— O meu nome é Uhtred, pai.

— Tu és Uhtred Uhtredson, — anunciei-lhe, — o meu único filho.

Isto já me acontecera a mim, há muitos anos. O meu pai, que era Uhtred, dera-me o nome de Osbert, mas quando o meu irmão mais velho, também chamado Uhtred, foi chacinado pelos dinamarqueses, o meu pai dera-me o seu nome. É o filho mais velho que dá continuidade ao nome. Foi sempre assim, na nossa família. A minha madrasta, mulher tola que era, quis mesmo que eu fosse batizado de novo, porque, assim dizia, os anjos que guardam os portões do Céu não me conheceriam pelo nome recém-adquirido e, como tal, voltaram a mergulhar-me no barril da água. Porém, depressa a cristandade se dissipou em mim, louvado seja Cristo, e descobri os deuses antigos que tenho vindo a adorar desde então.

Os cinco padres mais velhos alcançaram-me. Conhecia dois deles, os gémeos Ceolnoth e Ceolberht, que, há trinta anos, haviam sido reféns, tal como eu, em Mércia. Éramos, então, rapazes e havíamos sido capturados pelos dinamarqueses, uma causalidade que me fora bem-vinda, mas que os gémeos detestaram. Agora estavam velhos, dois padres idênticos de estatura entroncada, barba grisalha e a raiva lívida a emoldurar-lhes o rosto redondo.

— Matou o abade Wihtréd! — acusou-me um deles. Mostrava-se furioso, chocado, quase incoerente de tanta raiva. Não fazia ideia de qual deles era, sempre me fora difícil distingui-los.

— E arruinou a cara do padre Burgred! — atirou o outro gêmeo. Deu um passo em frente, como quem pretendesse agarrar no freio de *Relâmpago*, mas virei o cavalo rapidamente, deixando-o assustar ambos com os seus dentes grandes e amarelos, os mesmos que haviam mordido o rosto do padre acabado de ordenar. Os gêmeos recuaram.

— O abade Wihtred! — repetiu o primeiro. — Nunca houve homem mais santo!

— Ele atacou-me — disse-lhes. Na verdade, não fora minha intenção matar o homem de idade, mas não adiantaria explicar isso aos dois gêmeos.

— Há de sofrer! — berrou um deles. — Será amaldiçoado por todos os tempos!

O outro estendeu uma mão ao rapaz humilhado na pilha de esterco.

— Padre Uhtred — dizia-lhe.

— Ele não se chama Uhtred, — rosnei, — e, caso se atreva a apresentar-se com esse nome, — olhava para ele enquanto falava, — encontrá-lo-ei para lhe cortar a barriga até aos ossos e dar as suas entranhas a comer aos porcos. Ele não é meu filho. Não merece sê-lo.

O homem que não merecia ser meu filho levantou-se, húmido e com dificuldade, da pilha fedorenta, pingando dejetos. Olhou-me nos olhos:

— Então, com que nome devo apresentar-me? — inquiriu.

— Judas — respondi-lhe, em tom de escárnio. Fora criado como cristão e tivera de escutar todas as suas histórias e, naquele momento, lembrei-me do homem chamado Judas que traíra o deus crucificado. Essa história nunca fizera sentido para mim. O deus tinha de ser crucificado, se havia de ser o salvador, e depois os cristãos culpam o homem que tornou possível tal morte. Sempre achei que deveriam antes adorá-lo como um santo, porém preferiam injuriá-lo como traidor. — Judas — repeti, satisfeito por me ter lembrado do nome.

O homem que fora meu filho hesitou, depois anuiu.

— De ora em diante, — anunciou aos gêmeos, — devem chamar-me de padre Judas.

— Não pode chamar-se... — insurgiu-se não sei se Ceolnoth ou Ceolberht.

— Eu sou o padre Judas — repetiu em tom severo.

— Será sempre o padre Uhtred! — gritou-lhe um dos gêmeos. — Ele não tem qualquer autoridade nisto! É um pagão, um banido, abominável aos olhos de Deus! — Tremia de raiva, mal conseguia falar, mas recompôs-se, respirou fundo, fechou os olhos e ergueu as mãos ao céu. — Meu Deus, — gritou, — faz cair a tua ira sobre este pecador! Castiga-o! Arruína os seus

cultivos e atinge-o com uma doença! Mostra o teu poder, oh, Senhor! — terminou, a voz num fio agudo. — Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, eu amaldiçoo este homem e toda a sua linhagem.

Tomou fôlego e eu pressionei o joelho contra o flanco de *Relâmpago*, e o garanhão avançou um passo em direção ao tolo vociferante. Eu estava com tanta raiva quanto os gémeos.

— Amaldiçoa-o, oh, Senhor, — gritou de novo, — e, na tua grande misericórdia, rebaixa-o. Amaldiçoa-o, a ele e aos seus, para que jamais conheçam a tua graça! Castiga-o, oh, Senhor, com lodo e dor e miséria!

— Pai! — gritou o homem que fora meu filho.

Æthelstan mal continha o riso. Uhtred, o meu único filho, susteve a respiração.

Porque eu desferira um pontapé naquele tolo, que não se calava. Puxara o meu pé direito do estribo e desferira-o com a bota pesada contra ele, e as palavras tiveram um fim abrupto, substituídas pelo sangue nos seus lábios. Cambaleou para trás, levando a mão à boca desfeita.

— Cospe os dentes — ordenei-lhe e, quando me desobedeceu, puxei Bafo de Serpente até meio da bainha.

Cuspiu uma mistura de sangue, saliva e fragmentos de dentes.

— Qual dos dois és tu? — perguntei ao outro gémeo.

Sobressaltou-se com a pergunta, depois recompôs-se.

— Ceolnoth — respondeu-me.

— Pelo menos agora já consigo distinguir-vos — afirmei.

Não olhei para o padre Judas. Apenas me fui embora.

Cavalguei para casa.

\*

TALVEZ A MALDIÇÃO DE CEOLBERHT TENHA SURTIDO EFEITO, POIS QUANDO VOLTEI PARA CASA DEPAREI-ME COM A MORTE, O FUMO A RUÍNA.

Cnut Ranulfson havia assolado o meu salão. Incendiara-o. Matara. Levava Sigunn como prisioneira.

Nada disto fazia sentido, não naquela altura. O meu estado ficava próximo de Cirrenceastre, no coração da Mércia. Um grupo de dinamarqueses cavalgara até longe, arriscando-se a uma batalha e ao cativo, apenas para atacar o meu salão. Até podia compreender essa parte. Uma vitória sobre Uhtred daria reputação a um homem, inspiraria os poetas a cantigas de escárnio e de vitória; porém, haviam atacado quando o salão se encontrava

praticamente vazio. Teriam enviado sentinelas, não? Teriam subornado algumas pessoas para que fizessem de espíões deles, para descobrirem quando estaria e quando era provável que não estivesse presente, e esses espíões decerto que lhes teriam dito que fora chamado a Lundene para aconselhar os homens do rei Eduardo sobre a defesa daquela cidade. Contudo, haviam arriscado cair em desgraça para atacarem um salão quase vazio? Não fazia sentido.

E haviam levado Sigunn.

Ela era a minha mulher. Não a minha esposa. Desde a morte de Gisela que não voltara a casar-me, embora tivesse tido amantes, naqueles tempos. Æthelflæd era a minha amante, mas também era esposa de outro homem e filha do falecido rei Alfredo, e não podíamos viver juntos como um casal. Era Sigunn quem, ao invés, vivia comigo, e Æthelflæd sabia disso.

— Se não tivesses a Sigunn, — disse-me um dia, — terias outra.

— Talvez uma dúzia de outras.

— Talvez.

Capturara Sigunn em Beamfleot. Era dinamarquesa, esguia, pálida e bonita, e chorara muito pelo seu marido chacinado quando fora arrastada para fora da vala marinha em que o sangue corria. Vivíamos juntos há quase dez anos e era uma mulher tratada com dignidade e enfeitada de ouro. Era a senhora do meu salão e, agora, tinha desaparecido. Havia sido levada por Cnut Ranulfson, conhecido como Cnut Espada Longa.

— Foi há três manhãs — contou-me Osferth. Era o filho ilegítimo do rei Alfredo, de quem este tentara fazer um padre, mas Osferth, apesar de ter o rosto e a mente de um clérigo, preferia ser um guerreiro. Era cuidadoso, preciso, inteligente, confiável e raramente se exaltava. Parecia-se com o pai e, com o avançar da idade, ainda mais se assemelhava a ele.

— Então foi no domingo de manhã — constatei.

— Toda a gente se encontrava na igreja, senhor — explicou Osferth.

— Todos menos a Sigunn.

— Que não é cristã, senhor — disse Osferth em tom reprovador.

Finan, que era o meu companheiro e o homem que comandava as tropas na minha ausência, levara com ele vinte homens para reforçar a guarda pessoal de Æthelflæd, durante a passagem dela por Mércia. Ela andara a inspecionar os *burhs* que protegiam aquele estado dos assaltos dinamarqueses e, sem dúvida, a sua adoração pelas igrejas por lá espalhadas. O marido dela, Æthelred, estava relutante em abandonar o santuário de Gleawecestre e, como tal, era Æthelflæd quem fazia o dever dele. Disponha

dos seus próprios guerreiros para a guardarem, mesmo assim eu receava pela sua segurança, não devido aos mercianos, que a amavam, mas devido aos seguidores de Æthelred, e, como tal, insistira com ela para que levasse Finan e mais vinte guerreiros meus e, na ausência do irlandês, Osferth ficara à frente dos homens encarregados de protegerem Faganforda. Este deixara seis homens a vigiarem o salão, os celeiros, os estábulos e o moinho, o que deveria ter sido o suficiente, pois o meu estado situava-se longe das terras do norte governadas pelos dinamarqueses.

— Sinto-me culpado, senhor — disse-me Osferth.

— Seis homens eram o suficiente — afiançei-lhe. E os seis guerreiros estavam mortos, assim como Heric, o meu administrador manco, e três criados. Haviam desaparecido ainda quarenta a cinquenta cavalos e o salão fora incendiado. Algumas paredes continuavam de pé, seguras por troncos chamuscados, porém o centro do salão era um monte de cinzas fumegantes. Os dinamarqueses haviam chegado céleres, arrombado a porta do salão, matado Heric e todos os outros que tentaram opor-se-lhes, depois haviam levado Sigunn e partido. — Sabiam que estariam todos na igreja — disse a Osferth.

— Foi por isso que vieram num domingo — concluiu Sihtric, outro dos meus homens, o meu pensamento.

— E sabiam também quem não estaria lá, na celebração — acrescentou Osferth.

— Quantos eram? — inquiri.

— Uns quarenta ou cinquenta — respondeu-me pacientemente. Já lhe tinha feito aquela pergunta uma dúzia de vezes.

Os dinamarqueses não fazem assaltos destes por prazer. Havia muitas outras herdades e salões saxões de mais fácil acesso, contudo estes homens haviam arriscado cavalgar até ao interior da Mércia. Por Sigunn? Nada significava para eles.

— Vieram para o matar, senhor — sugeriu Osferth.

Mas os dinamarqueses teriam feito a verificação do terreno primeiro, teriam falado com viajantes, saberiam que eu tinha sempre pelo menos vinte homens comigo. Tomara a opção de não os levar comigo para Tofeaster para castigar o homem que fora meu filho, porque um guerreiro não necessita de vinte homens para lidar com um punhado de padres. O meu filho e um menino haviam sido companhia suficiente. Os dinamarqueses não podiam ter sabido que eu iria para Tofeaster, se nem eu sabia, antes de ouvir a nova de que o meu filho mais velho estava a ser transformado

num feiticeiro cristão. Contudo, Cnut Ranulfson arriscara a vida dos seus homens num assalto longo e sem sentido, apesar do perigo de terem de enfrentar os meus homens. Teriam sido mais do que nós, mas sofreriam baixas, o que Cnut Espada Longa mal podia suportar, e ele era um homem previdente, pouco dado a correr riscos idiotas. Não fazia sentido.

— Tens a certeza de que se tratava de Cnut Ranulfson? — perguntei a Osferth.

— Exibiam a bandeira dele, senhor.

— O machado e a cruz quebrada?

— Sim, senhor.

— E onde está o padre Cuthbert? — inquiri. Mantenho os padres. Não sou cristão, mas o alcance do deus crucificado é tão vasto, que a maioria dos meus homens se rendeu a ele e, naquele tempo, Cuthbert era o meu padre. Gostava dele. Era filho de um pedreiro, desengonçado e sem jeito, e casara com uma escrava liberta com o estranho nome de Mehrasa, uma beleza de pele escura, capturada num daqueles países exóticos do sul e trazida para a Bretanha por um mercador de escravos, que foi morto pela minha espada, e agora tinha Mehrasa a chorar e a gritar, por não saber do seu marido. — Por que razão não estava ele na igreja? — questionei Osferth, ao que me respondeu com um simples encolher de ombros. — Ele andava melancólico, Mehrasa? — perguntei, sem rodeios.

— E não anda sempre? — disse Osferth, novamente em tom de desaprovação.

— Então, onde está? — voltei a inquirir.

— Talvez o tenham levado também — sugeriu Sihtric.

— Seria mais provável matarem um padre do que raptarem-no — afirmei. Caminhei em direção ao salão incinerado. Havia homens a remexerem nas cinzas, a carregarem para o lado madeira chamuscada ou ainda em brasa. Talvez encontrasse ali o corpo de Cuthbert, encarquilhado e enegrecido. — Diz-me o que viste — voltei a exigir de Osferth.

Repetiu tudo de novo, com paciência. Encontrava-se na igreja de Fagranforda, quando ouviu gritos oriundos do meu salão, que não ficava muito longe. Saiu da igreja e viu a primeira coluna de fumo a subir no céu de verão; porém, quando tinha juntado os homens e haviam montado os cavalos para intervirem, já os assaltantes tinham ido embora. Seguiram-nos e Osferth deu-me a certeza de ter vislumbrado Sigunn entre os cavaleiros envergando cota de malha negra.

— Ela trazia o vestido de que tanto gosta, senhor, aquele branco.

— Mas não viste o padre Cuthbert?

— Ele estava de negro, senhor, como a maioria dos assaltantes. É natural que não tenha reparado nele. Nunca chegámos a aproximar-nos deles. Eles cavalgavam como o vento.

Apareceram ossos entre as cinzas. Passei pela porta do salão antigo, demarcada por colunas lambidas pelas chamas, e senti o cheiro a carne queimada. Pontapeei uma trave chamuscada e deparei com uma harpa nas cinzas. Como era possível não ter ardido também? As cordas tinham-se reduzido a pontas pretas, mas a caixa do instrumento parecia intacta. Inclinei-me para a levantar do chão, e a madeira quente desfez-se simplesmente nas minhas mãos.

— O que é feito do Oslic? — perguntei. Referia-me ao harpista e poeta, que entoava as canções de guerra, no nosso salão.

— Mataram-no, senhor — disse-me Osferth.

Mehrasa começou a choramingar mais alto. Olhava fixamente umas ossadas, que um homem retirara das cinzas.

— Diz-lhe que se cale — rosnei.

— São ossos de cães, senhor. — O homem com o ancinho inclinou-se diante de mim.

Os cães do salão, que Sigunn tanto amara. Eram pequenos *terriers*, entendidos em matar ratos. O homem puxou das cinzas um prato em prata meio derretido.

— Eles não vieram para me matarem — afirmei, olhando para as pequenas caixas torácicas.

— Quem mais haveriam de querer matar? — perguntou-me Sihtric. Em tempos havia sido meu criado, agora era um guerreiro da casa, e dos bons.

— Eles vieram pela Sigunn — disse-lhe, porque não conseguia pensar em outra explicação.

— Mas porquê, senhor? Ela não é a sua esposa.

— Ele sabe que gosto dela — continuei — e isto diz-me que ele quer algo.

— Cnut Espada Longa — disse Sihtric em tom sinistro.

Sihtric não era covarde. O pai dele fora Kjartan, o *Cruel*, e Sihtric herdara o talento do pai em lidar com armas. Sihtric já estivera na barreira de escudos comigo e eu conhecia a bravura dele; porém soara-me nervoso ao pronunciar o nome de Cnut. Não era de admirar. Cnut Ranulfson era uma lenda nas terras governadas pelos dinamarqueses. Era um homem

delgado, de tez muito pálida, com cabelo branco como ossos, embora não fosse velho. Estimava que se encontrasse perto dos quarenta, o que também não fazia dele um homem jovem, mas tinha o cabelo branco de nascença. E ele nascera astuto e implacável. A sua espada, Ódio de Gelo, era temida desde as ilhas nórdicas até à costa sul do Wessex e a sua fama atraía homens que atravessaram os mares para lhe jurarem lealdade. Ele e o seu amigo Sigurd Thorrson eram os lordes dinamarqueses mais notórios da Nortúmbria e pertencia-lhes a ambição de virem a ser os lordes mais notórios da Bretanha; porém, tinham um inimigo que, repetidamente, se atravessara no caminho deles.

E, agora, Cnut Ranulfson, Cnut Espada Longa, o espadachim mais temido na Bretanha, tomara a mulher desse inimigo.

— Ele quer algo — repeti.

— Quere-o a si? — perguntou Osferth.

— Em breve saberemos — disse-lhe. E assim foi.

Descobrimos o que Cnut Ranulfson pretendia naquela noite, quando o padre Cuthbert veio para casa. O sacerdote foi trazido por um mercador, um comerciante de peles, e ele tinha o padre Cuthbert na sua carroça. Foi Mehrasa quem deu o alerta, gritando.

Encontrava-me no celeiro maior, que os dinamarqueses não haviam tido tempo de incendiar e que poderia fazer de salão até construirmos um novo, e eu estava a supervisionar os meus homens que formavam uma lareira a partir de pedras, quando ouvi os gritos e saí a correr, deparando com a carroça a balancear-se vereda acima. Mehrasa tocava em desespero no marido, enquanto Cuthbert agitava os braços longos e magrelas. Mehrasa gritava ainda.

— Cala-te! — ordenei.

Os meus homens tinham vindo atrás de mim. O mercador de peles parara a sua carroça e pôs-se de joelhos, quando me aproximei. Explicou-me que encontrara o padre Cuthbert para o norte.

— Ele estava em Beorgford, senhor, — contou-me, — junto ao rio. Estavam a atirar-lhe com pedras.

— Quem lhe atirava pedras?

— Meninos, senhor, apenas meninos a brincarem.

Portanto, Cnut cavalgara até ao vau do rio, onde presumivelmente terá libertado o sacerdote. A batina longa de Cuthbert estava rasgada e manchada de lama, o couro cabeludo apresentava crostas de sangue seco.

— O que fez aos meninos? — perguntei ao mercador.

— Fui apenas atrás deles e afugentei-os.



— Onde estava ele?

— No meio dos juncos, senhor, junto ao rio. Estava a chorar.

— Padre Cuthbert — chamei, dirigindo-me para a carroça.

— Senhor! Senhor! — Estendeu-me a mão.

— Ele não podia estar a chorar — disse ao mercador. — Osferth! Dá dinheiro ao homem. — Gesticulei na direção do resgatador do padre. — Venha comer — convidei-o, — e deixe os cavalos no estábulo, por esta noite.

— Senhor! — chamou o padre Cuthbert em tom choroso.

Inclinei-me sobre a carroça e levantei-o em braços. Ele era alto, mas surpreendentemente leve.

— Consegues pôr-te de pé? — perguntei-lhe.

— Sim, senhor.

Coloquei-o no chão, equilibrei-o, depois dei um passo atrás para que Mehrasa o abraçasse.

— Senhor, — disse-me Cuthbert por cima do ombro dela, — tenho uma mensagem para si.

O tom dele era de choro, e talvez estivesse a chorar, mas um homem sem olhos não consegue fazê-lo. Um homem com duas órbitas ensanguentadas não consegue chorar. Um homem cego tem de chorar, e não pode.

Cnut Ranulfson arrancara-lhe os olhos.

\*